

LUSO TORRES

ORNA
869.95
69685

REGISTRO SETORIAL
Seção Obras Raras
Nº. 71
Data 27 / 11 / 73



Teixeira Mendes

(Lido no "Centro Cultural "Gonçalves Dias",
em 28 de junho de 1947.)



S. LUIZ - MARANHÃO - BRASIL

T. 32191
L 32191

Apresentação

AS CONSTRUÇÕES que representam as conquistas definitivas da Humanidade através das agruras próprias às vicissitudes do meio e do tempo, representam truismos que às sans consciências se impõem pela força da sua própria evidência; verdades indemonstráveis, porque demonstradas sem o recurso a métodos mais ou menos complicados e às inspirações metafísicas.

Ninguém que, embora superficialmente, tenha algum conhecimento de política positiva, graças ao acendente dos sentimentos altruistas próprios à espécie humana, deixará de reconhecer espontaneamente que, segundo os ensinamentos de Augusto Comte, "tudo quanto ha, é feitura da Humanidade, ora personificada nas almas vulgares, si se trata das coisas secundárias, ora personificada nos santos, nos sábios e nos heróis, si se trata das coisas sublimes".

"Assim, a construção da virtude, da poesia, da ciência e da indústria, constitui a obra continua da Humanidade, na sua secular evolução..."

Teve o Positivismo ou Religião da Humanidade, no Brasil, uma grande voz, de sábio e de santo, a expandir-se de tão alto, que até os mais indiferentes a escutaram e, ainda hoje, ela sóa e ressoa majestosa, como se fora o eco de um

solene mandamento. Teixeira Mendes, Apóstolo da Humanidade, elevou-se tanto no seu sublime apostolado, pelo saber e pelas suas altas virtudes, quer públicas quer privadas, que não será fácil, por isso mesmo, distinguir entre o Mestre insuperável e o Discipulo admirável.

Ora, versando tão nobre figura, Luso Torres, um nome nas letras, teve a feliz idéia de fixar, em magnífico escrito, traços bem definidos, aliás, de Teixeira Mendes.

Escolheu a data, de 28 de junho, do falecimento do grande maranhense para, desse modo, manifestar o preito de sua admiração a esse inconfundível vulto e servidor da Humanidade. Com efeito, lê-se nas notas de um diário íntimo de Luso Torres o seguinte:

"O grande R. Teixeira Mendes tem o culto do meu reconhecimento, e seria presunção de minha parte o vir afirmar aqui a genial procedência dos seus argumentos."

"Sim, éle possuía a visão penetrante dos apóstolos que devassam os séculos e lêem no futuro, enquanto os mediocres nos deixamos levar pelas paixões do momento, as "ilusões militaristas" (1) e outras deploráveis iluzões..."

"Como estão deslocadas, nas páginas dêste caderninho, as palavras do egregio pensador!"

O belo trabalho de Luso Torres faz parte das comemorações que se vão prestar a Teixeira Mendes, por ocasião do centenário do seu nascimento.

O Maranhão, que tem a glória de ser a terra natal dessa nobre figura que, grandiosa, se projeta no cenário de nossa história como a exata personificação de apóstolo moderno, não pode e não deve ficar indiferente a esse significativo acontecimento.

A Comissão que, para esse fim, já se está organizando, por feliz iniciativa do Snr. Almir Moraes Correia, aceita e espera, desde já, a espontânea cooperação dos admiradores do eminente Apóstolo da Humanidade, abstraindo-se de todo e qualquer crêdo religioso.

* * *

(1) NOTA — O autor refere-se a um artigo episódico a que deu publicidade no antigo jornal PACOTILHA, de

2 de dezembro de 1911, sob o título **UM ERRO**. Este erro, segundo o articulista, era o afastamento do Serviço de Proteção aos Índios, sob a direção do então Coronel Rondon, dos oficiais do exército empregados nesse "Serviço". Eram, entre outros, os seguintes:

Alipio Bandeira, no Amazonas; Pedro Dantas, no Maranhão; Viana Estigarribia, no Espírito Santo; Horta Barbosa, em Mato Grosso; Manuel Rabelo, em S. Paulo. Todos Positivistas. Não compreendia Luso Torres que, em face do abarrotamento dos quadros do exército, diminuísse "o perigo para a Pátria com a entrada de 30 oficiais subalternos", embora proclamasse a "necessidade da nossa preparação militar, como garantia do nosso futuro na América."

Teixeira Mendes, transcrevendo no Jornal da Comércio, do Rio de Janeiro, o artigo de Luso Torres, abunda em ensinamentos quanto à influência positivista no Serviço de Proteção aos Índios e faz os mais vivos votos "para que o autor se emancipe das iluzões militaristas, às quais o povo brasileiro deve as páginas mais dolorosas da sua história."

Pedro Mendes

S. Luiz, Maranhão, junho de 1953.



COMEÇAREI por congratular-me com os moços do “Centro Cultural Gonçalves Dias” da data em que mais um ano se completa da existência desse grêmio literário.

Poderá parecer desnecessário encarecer o préstimo de associações culturais desta natureza, mas quem conhece algumas particularidades da vida materializada de nossos dias e as tristes manifestações da anarquia, que avassala todos os setores do pensamento universal, em que estamos ameaçados, quais misérrimos mosquitos nas rotações de um ciclone, não pode deixar de aplaudir uma tão sadia festa do espírito, porquanto somente o espírito tem energias para sobrepairar às voragens.

Cumprido este dever, quero associar a esta solenidade o nome glorioso de Raimundo Teixeira Mendes, lembrando que hoje faz 20 anos que se deu o seu passamento e seria imperdoável omissão em uma festa de intelectuais maranhenses, o não registro desse fato.

RAIMUNDO TEIXEIRA MENDES, grande maranhense, mais do que isto—excelso brasileiro, extraordinário tipo de homem, é, como escreveu o dr. Afranio Peixoto, um orgulho do gênero humano.

A despeito do juízo desfavorável que o preeminente filósofo e sociólogo fazia da metafísica acadêmica,

tão do nosso gosto, não conheço figura mais digna de uma homenagem da mocidade, em uma festa do espírito, tanto mais quanto se realça a coincidência das datas. Contudo, decidireis se o estou colocando mal, nesta atmosfera profana de literatura incipiente. Não é possível fazer-se em algumas laudas uma apreciação completa, à altura do vulto moral e mental de homens da estirpe de Teixeira Mendes. Assim, estas minhas palavras traduzem apenas sincera homenagem à sua memória, e um apêlo aos moços para que estudem a sua vida, se quiserem admirá-lo como êle o merece.

Alma pura, que se retemperou na mais elevada expressão do sentimento de humanidade, e guiada pela exata compreensão da sociologia comteana, de que um dos postulados é a incorporação do proletariado na sociedade moderna, Teixeira Mendes foi positivamente um santo, pela profunda firmeza de suas crenças e convicções, pela nobreza de suas virtudes, pela sua renúncia apostólica.

No segundo Império e na República, não houve, no Brasil, questão ou problema de relevância política e social que êle não viesse encaminhar e esclarecer, com a orientação a que a superioridade do seu carater e o seu saber comunicavam austeridade e prestígio.

Conferencista de palavra firme e enérgica, sem tropos, sem rodeios acadêmicos, sem arrebatamentos retóricos, era de uma concisão e positividade admiráveis no expressar as ideias... É de admirar-se como, no ambiente brasileiro, mentalidade tão pura, tão alta, tão resistente, se acrisolou no saber e na bondade, na rigida diretriz de uma orientação inflexível, que tem raízes na agiologia cristã e se santifica sem contar com as benesses do céu... Como bem o disse Euclides da Cunha, Teixeira Mendes era uma alma profundamente religiosa e incorrutível. A sua disciplina espiritual, ao lado da de Miguel Lemos — outro grande homem de cultura e virtudes admiráveis — é um caso típico no mundo das ideias, tanto na observância e defesa da obra do mestre Montpelier, contra as manifestações da pedantocracia algébrica, contra o lafitismo e o litreísmo, como na sua aplicação aos casos concretos da evolução brasileira.

"...Teve Teixeira Mendes a infância decisivamente influenciada pelo gênio poético de Gonçalves Dias, amigo íntimo de sua família e inspirador do seu precoce e inflamado entusiasmo social em prol dos indígenas brasileiros.

"Da *Canção do Tamboio*, dos *Timbiras* e do *Y-Juca-Pirama*, por ele guardados de cor desde a mais tenra idade até o derradeiro dia de sua vida, nasceu o germe fecundo das intervenções do seu apostolado a favor dos nossos aborígenes". (Ivan Lins)

Merece notada a precedência com que êle estudou, em linguagem simples e peremptoria a situação do proletariado brasileiro. Quem o lê tem a sensação completa da atualidade de suas palavras. Entretanto há mais de 60 anos, isto é, em 1880, demonstrava êle que a simples liberdade dos escravos não poderia resolver o problema social brasileiro, por isso que, consoante o ensino de Comte — a situação das massas operárias prima na organização da sociedade. Em 1889, após a proclamação da República, quando o *trabalhismo* ainda não era uma fonte de trapanças e lucros eleitorais, isto é, há mais de meio século, Teixeira Mendes dirigia ao governo provisório uma representação propugnando a aposentadoria dos operários das oficinas do Estado, certo de que "semelhante exemplo devia em breve reagir sôbre as oficinas particulares". Na sua memorável proposta, Teixeira Mendes dividia os vencimentos do operário em ordenado fixo e gratificação *pro-labore*; determinava o prazo para estabilidade em 7 anos; cuidava das férias, dos casos de doença, do amparo das viúvas e filhos órfãos dos proletários; etc. E êle não visava a aliciar votos nem conquistar popularidade: — visava ao futuro da Pátria e à integridade da Família.

Não posso e não quero alongar-me, mas resumirei estas palavras de homenagem lembrando que Teixeira Mendes foi o idealizador da bandeira nacional, que a ignorância e o sectarismo vesgo tanto malsinaram e combateram; elaborou um trabalho contra o divórcio, que é um primor de penetração moral e política; bateu-se por todos os princípios de liberdade espiritual; jamais se aliou a quaisquer perturbações da ordem material, por ser isto contrário aos princípios da doutrina que apostolizava, tanto que, embora

fôsse medularmente republicano, declarou que ignorava a conspiração de novembro de 89, mas, se fôsse ouvido, a ela se teria oposto. O verdadeiro papel de José Bonifácio, proclamado o maior, se não o único, dos nossos verdadeiros estadistas, representa uma reivindicação histórica de insuperáveis ensinamentos. A biografia de Benjamin Constant, longe de incidir no tom apologético em que decaem quasi todos os biógrafos, constitui uma percuciente análise da vida particular e pública daquele grande cidadão, além de ser uma síntese magnífica da evolução brasileira.

Convem recordar das "singelas palavras que, a respeito dele, proferiu do púlpito da Igreja de Nossa Senhora de Loreto, a 3 de julho de 1927, (cinco dias após sua morte), o vigário de Jacarepaguá, Padre Paulo Maria de Lecourieux". Ei-las: «A Pátria Brasileira acaba de sofrer uma perda sensível na pessoa do Sr. Raimundo Teixeira Mendes... Fiel aos seus principios filosóficos, foi sempre um convencido defensor das prerrogativas do *venerando e glorioso Catolicismo* (eram suas expressões). Ele levantou a voz a favor dos jesuitas portuguezes expulsos, atacando o egoismo do nosso govêrno, que lhes recusava agasalho. Bateu-se igualmente para que à Igreja Católica fôsem assegurados a propriedade e a posse dos seus bens, como dos das ordens religiosas. No decreto de separação da Igreja do Estado, sugeriu o nobre extinto que se fizesse a reforma *com o maior respeito à majestade do culto católico bem como à situação pessoal dos Sacerdotes, que exerciam cargos eclesiásticos, mantendo-se a congrua àqueles que a percebiam.*

Continúa o Pe. Lecourieux :

«Todos os anos, como a mim o afirmou pessoalmente, ele mandava a quantia de 200 francos ao Arcebispo de Paris para auxiliar a manutenção do *culto católico* segundo o testamento do Mestre.

«Foi o maior inspirador da ideia de se erguer um monumento, na praia do Russel a São Francisco de Assis, dedicando-se a esta obra até aos últimos instantes da vida e escrevendo uma biografia do glorioso Patriarca Seráfico, a qual acaba de ser impressa.

«Podemos afirmar ter ele morrido vítima do seu amor ao Grande Santo do século XIII, pois passava as noites frias de inverno no Templo da Humanidade, dirigindo a modelagem do monumento... Nesta tarefa o rigor da estação, as chuvas, às quais ele se expunha para apressar o triunfo do grande Patriarca, lhe causaram uma *angina pectoris*, que o vitimou em 10 minutos» (Ivan Lins - «Tres abolicionistas esquecidos»)

As últimas palavras que Teixeira Mendes escreveu no seu diário, já noite alta, a 27 de junho de 1927 foram estas: «... As estátuas (de São Francisco de Assis e Santa Clara), ficaram engradadas às 10 hs. 50m. da noite. Acabou-se o serviço às 11, $\frac{1}{2}$ horas. Estou com dores nas costas desde as 8 h. da noite, ora mais fortes, ora mais fracas; quando aliviam, voltam ao menor esforço. Já no sábado me aconteceu o mesmo» (Ivan Lins - «Tres abolicionistas esquecidos»)

Não estou citando estas minúcias do seu sofrimento movido de pieguice, que seria incompatível com as energias morais do Apostolo da Humanidade, o qual sentiu escoar-se-lhe a vida nos anseios de luminoso sonho. Mas não podia eu comparecer a uma festa da mocidade do Maranhão, festa de esplêndido cunho espiritual, num dia como êste, sem evocar a gloriosa personalidade do homem a quem, um dia, a Posteridade, principalmente o proletariado, já então liberto de lamentáveis preconceitos e enganos, ha de fazer justiça integral, exaltando-lhe o nome e glorificando o carater verdadeiramente humano da sua atividade

Rendendo esta homenagem simples, mas sincera à memória de R. Teixeira Mendes, terminarei com um pensamento de Th. Carlyle: «Quando nos ocupamos, ainda que imperfeitamente, com a vida de um grande homem, sempre ganhamos alguma coisa com o assunto».